

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

MATERIALISMO HISTÓRICO E MATERIALISMO DIALÉTICO: discussão sobre o método marxiano nas visões de José Arthur Giannotti e Jacob Gorender

Jomar Fernandes¹

RESUMO

Este artigo faz uma visita ao método de investigação de Marx, o Materialismo Dialético, partindo do próprio Marx, especialmente de um texto, pequeno em quantidade de palavras, mas grandioso em significação teórica, que é o Prefácio à *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Ainda de Marx o artigo vai buscar mais fundamentos sobre seu método no Posfácio da 2ª edição de sua obra máxima, *O capital: crítica da economia política*. Preliminarmente, é feita uma breve incursão na concepção materialista da história, como base para discussão sobre o método. Na segunda parte, dialogando com os marxistas brasileiros José Arthur Giannotti e Jacob Gorender, a partir dos seus textos de apresentação da tradução brasileira de *O Capital* pela Editora Boitempo (2013), busca-se apresentar uma visão simplificada – sem perder o rigor conceitual que o tema exige – do método marxiano e da ligação entre o método de investigação e o método de exposição, em *O Capital*.

Palavras-Chave: Método, Materialismo Dialético, Classes Sociais, Estado.

ABSTRACT

This article pays a visit to Marx's method of investigation, Dialectical Materialism, starting from Marx himself, especially from a text, small in number of words, but great in theoretical significance, which is the Preface to the *Contribution to the Critique of Political Economy*. Still from Marx, the article will seek more foundations about his method in the Afterword of the 2nd edition of his greatest work, *The Capital: Critique of Political Economy*. preliminary, a brief incursion into the materialist conception of history is made, as a basis for a discussion about the method. In the second part, dialoguing with the Brazilian Marxists José Arthur Giannotti and Jacob Gorender, based on their texts presenting the Brazilian translation of *O Capital* by Editora Boitempo (2013), we seek to present a simplified view – without losing the conceptual rigor that the theme demands – from the Marxian method and the link between the investigation method and the exposition method, in *The Capital*.

Keywords: Method, Dialectical Materialism, Social Classes, State.

¹ Doutorando em Desenvolvimento Econômico – UFPA-PPGE. Jomar_fernandes@hotmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



1. INTRODUÇÃO

1.1 Uma preliminar sobre o Materialismo Histórico

A obra de Marx – pelo menos segundo o estruturalismo althusseriano – é formada por duas partes, geralmente estudadas em conjunto por causa de sua complementariedade: materialismo histórico e o materialismo dialético. Antes de falar do Materialismo dialético, onde habita o método marxiano, é importante discorrer sobre o materialismo histórico ou concepção materialista da história.

Há um consenso – até entre eruditos não marxistas – que Marx introduziu no conhecimento humano a ciência história². Até Marx, a história era factual e linear. Uma crônica de fatos ocorridos, narrados de acordo com os interesses dos autores ou de quem os financiava. Com o Positivismo inaugurado por Augusto Conte (1798-1857), surgiu uma teoria historiográfica, baseada nas ideias de Saint Simon (1760-1825), indicando que a humanidade progredia continuamente, sem possibilidade de regressão. O positivismo acrescentou que esse progresso contínuo era fruto da ciência, mas dependia da “ordem social”. E mais, que esse caráter de linearidade positiva do progresso deve ser constantemente mensurado com base em fatos registrados. Fatos que são fotografias de momentos, portanto, estão no âmbito da estática, no interior de uma realidade dinâmica.

Engels, em um dos seus textos mais célebres, que ficou conhecido como *O Antiduhring*³, resume a concepção que embasa o materialismo histórico:

Os novos fatos, que a realidade revelava, obrigaram a uma revisão de toda a história antiga e, dessa maneira, ficou demonstrado que a história havia sido, sempre uma história de luta de classes e que estas classes em luta foram, em todas as épocas [...], fruto das condições econômicas e que a estrutura econômica da sociedade em todos os fatos da história era, portanto, a base real sobre a qual se erigia, em última instância, todo o edifício das instituições jurídicas e políticas, da ideologia, filosofia,

² Louis Althusser chama de “continente-história”. Segundo ele, antes de Marx, a inteligência humana havia erigido dois continentes de conhecimento: o da “Matemática”, pelos gregos do século V a.C. e o da Física, por Galileu Galilei, no século XVII. (“Advertência aos Leitores do Livro I de O Capital” de Louis Althusser, 1969, reproduzido, em parte, nos textos de apresentação da edição de O Capital da Editora Boitempo, 2013, p. 35).

³ O título completo desse livro, de 1878, é: *A Revolução da Ciência Segundo o Senhor Eugen Dühring*.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



religião ... de cada período histórico. [...]. Lançava-se os alicerces para uma concepção materialista [da história] e abria-se o caminho para verificar-se que a existência é quem determina a consciência do homem e não é a consciência quem determina a existência. (ENGELS, F. Anti-Dühring. eBooksBrasil.com, 2001, pp. 47-48).

1.2 Abordagem marxiana da história

A história até então, era uma cronologia de fatos da vida dos governantes, de suas guerras e conquistas, e dos feitos de detentores do poder econômico. As lutas dos trabalhadores eram sempre tratadas como baderna ou mesmo omitidas por completo dos compêndios oficiais. Marx não formulou, com rigor sistemático, uma definição de sua teoria da história, mas os seus estudos do *modo de produção* capitalista, com a criação de conceitos como “estrutura social” e “classes”, dentro de uma abordagem dialética, tiraram a história da prateleira das crônicas. À periodização histórica tradicional, baseada no passar dos anos e séculos, foi acrescentada a periodização pela sucessão de *modos de produção*, uma espécie de totalidade histórica que alcança toda uma formação social, desde seus aspectos produtivos (infraestrutura) até as instituições jurídico-políticas e os “aparelhos” culturais e ideológicas (superestrutura).

A abordagem marxiana da história começa fazendo um rompimento completo com a concepção positivista. Na visão de Marx, a sociedade não é um todo homogêneo, com governo e povo no interior de um Estado imparcial que busca sempre o “bem comum”. A sociedade é formada por classes sociais, com interesses distintos (no modelo por ele construído, esses interesses são antagônicos) e a luta entre elas seria o motor da história.

O Estado, nessa concepção, está sempre a serviço dos interesses da classe dominante, dentre os quais reside a necessidade de manter viva (sobrevivendo) a classe trabalhadora para a manutenção da acumulação e, portanto, do próprio sistema. Daí resulta a necessidade de legitimação do Estado que, na aparência, muitas vezes se apresenta com defensor dos direitos da maioria da população, o que não acontece na essência.

A teoria positivista da história, presa a duas âncoras – uma ideológica e outra teórica – não pôde se tornar ciência. A âncora ideológica está amarrada à corrente da busca nos fatos registrados pelas classes dominantes (o que afasta a essência) e a âncora teórica é a negação da característica dialética da realidade histórica concreta, prenhe de complexidades. Na visão

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

positiva da história, não há lugar para contextualizações ou para análise das contradições sociais. Quem for contra a ordem social estabelecida, estará contra o progresso.

Para o materialismo histórico, cada sociedade deve ser analisada em seu contexto de tempo e espaço, como uma *totalidade social* (infra e superestrutura), através da categoria *modo de produção* que engloba o econômico, o jurídico-político e o ideológico, em uma relação dialética, sem determinismos da base sobre a superestrutura e vice-versa. Por uma questão ontológica, segundo Flávio Farias (2000), na análise, a base precede a superestrutura, simplesmente porque é preciso estar vivo para construir instituições.

Tudo isso trouxe a história para o patamar de ciência, afastando-a da influência exógena dos *deuses* e desvelando seu íntimo segredo que repousa na exploração do homem pelo homem. Desse modo, a teoria marxiana desenvolveu ferramentas teóricas que permitem estudar a sociedade capitalista para além das aparências. E para cumprir esse desiderato, de estudar a essência dessa sociedade, foi necessário romper com as ferramentas da economia, da sociologia, e da filosofia burguesas. Foi preciso desenvolver um novo método de investigação, que já estava presente nos escritos de Marx desde o Manifesto de 1848 e que foi apresentado de uma forma mais explícita, nos textos que vamos discutir a seguir.

2. MATERIALISMO DIALÉTICO

Em 1859, Marx se encontrava em Londres, dividindo seu tempo entre estudos em casa e pesquisas no *British Museum*. Nesse período ele estava se dedicando inteiramente ao estudo da economia e publicou *Contribuição à Crítica da Economia Política*, cujo Prefácio foi datado de janeiro de 1859. Esse livro não teve a repercussão esperada, mas foi o primeiro ensaio para sua obra de fôlego, *O Capital*, publicada oito anos depois.

Marx começa o *Capital* discutindo a mercadoria (para Althusser, o capítulo mais difícil de entender de todo o Livro I), depois ele avança para *o processo de troca; o dinheiro e a circulação de mercadorias; como o dinheiro se transforma em capital* etc. Fecha esse primeiro volume com a lei geral da acumulação capitalista (cap. XXIII) e a chamada acumulação primitiva (cap. XXIV). Não há espaço, nessa abordagem rigorosa do *modo de produção*

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



capitalista, para enunciados específicos sobre o método. Estudiosos buscam respostas no conjunto da obra de Marx e muitos concordam que é justamente no Prefácio de *Contribuição à Crítica da Economia Política* que Marx melhor definiu o Materialismo Dialético, o seu método de investigação.

Marx relata, nesse Prefácio o que o levou a estudar economia e sua caminhada intelectual de ruptura com a visão idealista da história. Vamos ao início dos estudos econômicos:

Os meus estudos profissionais eram os de jurisprudência [...] ao lado da filosofia e da história. Em 1842-43, sendo redator da Gazeta Renana, vi-me pela primeira vez no difícil transe de ter que opinar sobre os chamados interesses materiais. [...] os debates sobre o livre comércio e o protecionismo levaram-me a ocupar-me pela primeira vez de questões econômicas.⁴

Um pouco antes, Marx parece revelar que seu ponto de partida, *stricto sensu*, é a abordagem indutiva, do particular para o geral, da observação empírica fragmentada para a totalidade.

Embora tenha esboçado uma introdução geral, prescindindo dela, pois bem pesadas as coisas, creio que adiantar resultados que vão ser demonstrados, seria antes um estorvo, e o leitor que queira realmente acompanhar-me, deverá estar disposto a seguir do particular para o geral.⁵

Na sequência Marx comenta o desabrochar do cerne de sua concepção teórica. Iniciando um processo de crítica aos aspectos da filosofia de Hegel ligados ao direito, ele conclui que a base para analisar as sociedades não está no campo das ideias, mas na realidade econômica.

O meu primeiro trabalho, empreendido para resolver as dúvidas que me assaltavam, foi uma revisão crítica da filosofia hegeliana do direito, trabalho cuja introdução veio a lume em 1844, nos Anais Franco-Alemães, que se publicavam em Paris. A minha investigação desembocava no resultado de que, tanto as relações jurídicas como as formas de Estado não podem ser compreendidas por si mesmas nem pela chamada evolução geral do espírito humano, mas se baseiam, pelo contrário, nas condições materiais de vida cujo conjunto Hegel resume, seguindo o precedente dos ingleses e

⁴ MARX, K. (1859). Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política in: Karl Marx e Friedrich Engels. Vol. III. São Paulo: Edições Sociais, 1977, p. 300.

⁵ Ibid. p. 300.

PROMOÇÃO



APOIO



franceses do século XVIII, sob o nome de "sociedade civil", e que **a anatomia da sociedade civil precisa ser procurada na economia política.**⁶ (Grifo nosso).

Em seguida, ele esclarece sua descoberta, de uma forma tão simples, quanto brilhante, rompendo de uma só vez, com a filosofia clássica alemã, representada por Hegel, com o socialismo utópico francês (Saint Simon, Charles Fourier e outros) e com a economia clássica inglesa (Smith e Ricardo, principalmente).

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se chocam com as relações de produção existentes, ou, o que não é senão a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveram até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em obstáculos a elas. E se abre, assim, uma época de revolução social.⁷

Temos acima a melhor síntese do Materialismo Dialético, feita pelo próprio Marx, em sua primeira obra estritamente econômica. E mais adiante, ele finaliza, dando um recado aos revolucionários voluntaristas que tentam atropelar a história (querendo gerar o socialismo onde o capitalismo ainda não desenvolveu todas as forças produtivas possíveis dentro de sua estrutura de relações sociais de produção) e faz uma afirmação que os críticos consideram determinista, quando trata o capitalismo (sociedade burguesa) como “última forma antagônica do processo social”, deixando implícito que, para ele, depois virá a sociedade socialista. É neste trecho que ele deixa claro que as sementes da nova sociedade já estão presentes no seio da velha, através do avanço das forças produtivas.

Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém, e jamais aparecem relações de produção novas e mais altas antes de amadurecerem no seio da própria sociedade antiga as condições

⁶ Ibid. p. 301.

⁷ Ibid. p. 301.

materiais para a sua existência. [...]. As relações burguesas de produção são a última forma antagônica do processo social de produção; antagônica, não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que provém das condições sociais de vida dos indivíduos. As forças produtivas, porém, que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a solução desse antagonismo. Com esta formação social se encerra, portanto, a pré-história da sociedade humana.⁸

Marx encerra esse Prefácio informado que o esboço que fez de sua trajetória nos estudos da economia, “foram frutos de conscienciosa investigação”. Investigação que iria se aprofundar nos anos seguintes, até a publicação do volume I de *O Capital*, em 1867.

3. JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI E O MÉTODO MARXIANO

Giannotti é um filósofo marxista, professor emérito da USP. Em seu texto à guisa de apresentação da edição brasileira de *O Capital* da Editora Boitempo (2013), pp. 53-55, intitulado *Considerações sobre o Método*, ele faz uma exposição sobre a construção teórica de *O Capital*, enfatizando mais os aspectos filosóficos da influência de Hegel sobre Marx e da principal fonte econômica utilizada por Marx, que seria o economista inglês, David Ricardo, especialmente no que se refere à teoria clássica do valor-trabalho (contido). Giannotti não se detém sobre o método em si.

4. JACOB GORENDER: MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO E MÉTODO DE EXPOSIÇÃO EM MARX.

Gorender é um historiador marxista, autodidata, Dr. *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia, autor do livro *O Escravismo Colonial*, muito discutido nas universidades brasileiras no âmbito do debate sobre o modo de produção do Brasil colônia.

A Apresentação da tradução brasileira de *O Capital* da Editora Boitempo (2013), assinada por Jacob Gorender, é uma versão reduzida da Apresentação originalmente publicada

⁸ Ibid. p. 302.

na edição de *O capital* pela coleção *Os Economistas*, da Abril Cultural (1983). Felizmente, a redução do texto se estendeu até “Método e estrutura d’O Capital”, que é o objeto deste artigo.

Nessa parte de sua Apresentação, Gorenender trata diretamente do método marxiano. Ele começa, como também o fez Giannotti, discutindo a influência de Hegel sobre o pensamento de Marx e faz uma referência a Lênin que reconheceu esse fato, ao contrário de Stalin:

Quando estudava a Ciência da lógica, surpreendeu-se Lenin com o máximo de materialismo ao longo da mais idealista das obras de Hegel. Com ênfase peculiar, afirmou que não poderia compreender *O capital* quem não fizesse o prévio estudo da Lógica hegeliana.⁹

Gorenender informa que Stalin considerava “a filosofia hegeliana representativa da aristocracia reacionária e minimizou sua influência na formação do marxismo”.¹⁰ A discussão, colocada nesses termos, está fora do eixo. Não resta dúvida que a filosofia hegeliana – sua dialética – influenciou o pensamento e a obra de Marx. Ele próprio fala isso em várias passagens. Hegel trouxe a dialética para a modernidade, só que a trouxe com o viés idealista. Marx reconhece a importância da dialética como método de análise das realidades dinâmicas e complexas, só que lhe imprime um caráter materialista.

Para esclarecer a relação entre a dialética hegeliana e a dialética marxista, vamos ao próprio Marx que, no Posfácio da segunda edição de *O Capital*, faz uma defesa de Hegel contra os que “batiam” como se bate em “cachorro morto” e se declarou discípulo de Hegel, mas informou que sua dialética é o oposto da hegeliana.

É disso que se trata, a DIALÉTICA trazida por Hegel para a modernidade foi importante para o desenvolvimento de uma nova forma de pensar a sociedade e a história. Para Marx, só era necessário “desvirá-la”. O erro de muitos analistas é pensar que “influência” signifique “cópia”. Vejamos suas próprias palavras, em uma citação longa, mas necessária.

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num

⁹ GORENDER, J. Apresentação. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 30.

¹⁰ Ibid. p. 30.



sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. Critiquei o lado mistificador da dialética hegeliana há quase trinta anos, quando ela ainda estava na moda. Mas quando eu elaborava o primeiro volume de *O Capital*, os enfadonhos, presunçosos e medíocres epígonos que hoje pontificam na Alemanha culta acharam-se no direito de tratar Hegel como o bom Moses Mendelssohn tratava Espinosa na época de Lessing: como um “cachorro morto”. Por essa razão, declarei-me publicamente como discípulo daquele grande pensador e, no capítulo sobre a teoria do valor, cheguei até a coquetear aqui e ali com seus modos peculiares de expressão. A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico.¹¹

Gorender faz um esforço – que não seria necessário depois do Posfácio de 1873 – para demonstrar a influência da dialética na construção teórica marxiana. Falando sobre a análise de Jelezny sobre a estrutura lógica de *O Capital*, Gorender afirma: “É impossível captar o jogo das categorias na obra marxiana sem dominar o procedimento da derivação dialética, a partir das contradições internas dos fenômenos, ou seja, a partir de um procedimento lógico inaugurado, com caráter sistemático, por Hegel.”¹²

Engels na citada obra *O Anti-dühring*, vai na mesma direção, na defesa da importância da filosofia hegeliana para o desenvolvimento da cultura humana.

A filosofia moderna alemã foi completada por Hegel, no qual, pela primeira vez - esse é o seu grande mérito - se concebe o mundo da natureza, da história e do espírito, como um processo, isto é, como um mundo sujeito à constante mudança, transformações e desenvolvimento constante, procurando também destacar a íntima conexão que preside este processo de desenvolvimento e mudança. (ENGELS, F. *Anti-Dühring*. eBooksBrasil.com, 2001, pp. 42-43).

Voltando ao Posfácio da 2ª edição de *O Capital*, ao responder a um artigo crítico a sua obra, publicado no *Diário Europeu de São Petersburgo*, Marx afirma que é no Prefácio de

¹¹ Marx, K. Posfácio da 2ª ed. (1873). In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, pp. 78-79.

¹² GORENDER, J. Apresentação. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 31.

Contribuição à Crítica da Economia Política (1859) onde se encontra a fundamentação do seu método.

Não há como responder melhor ao autor desse artigo do que por meio de alguns extratos de sua própria crítica, cuja transcrição poderá, além disso, interessar a muitos dos meus leitores para os quais o original russo é inacessível. Depois de citar uma passagem de meu prefácio à *Contribuição à Crítica da Economia Política* (Berlim, 1859, p. I V-VII), na qual apresento a fundamentação materialista do meu método.¹³

Ao final da longa citação prometida (de trecho do artigo do *Correio Europeu*), Marx reafirma seu método.

Ao descrever de modo tão acertado meu verdadeiro método, bem como a aplicação pessoal que faço deste último, que outra coisa fez o autor senão descrever **o método dialético**?¹⁴ (Grifo nosso).

Voltando a Gorender, ele reconhece a utilização da lógica formal em *O Capital* (que utiliza a dedução e exclui a contradição), mas justifica isso pela necessidade de empregar “modelos matemáticos demonstrativos” para revelar a dinâmica das modificações quantitativas de categorias definidas, com o intuito de expor “à luz suas leis internas”. E, em uma construção magistral, Gorender assevera:

[...] a lógica formal está para a lógica dialética, na obra marxiana, assim como a mecânica de Newton está para a teoria da relatividade de Einstein. Ou seja, a primeira aplica-se a um nível inferior do conhecimento da realidade com relação à segunda.¹⁵

É evidente que a lógica formal tem sua validade, especialmente quando a pesquisa exige que a análise parta do particular para o geral, mas ela não responde a realidades complexas, onde o concurso da dialética é fundamental. Nas palavras de Gorender, ela “aplica-se a um

¹³ MARX, K. Posfácio da 2ª ed. (1873). In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, pp. 77-78.

¹⁴ Ibid. p. 78.

¹⁵ GORENDER, J. Apresentação. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 31.

nível inferior do conhecimento da realidade com relação a segunda” (à dialética, neste caso, materialista).

No parágrafo seguinte, Gorender trata do *método de investigação* e do *método de exposição*. Aqui ele não entra na filosofia, mas na práxis metodológica, para descrever um e outro.

Marx distinguiu entre investigação e exposição. A investigação exige o máximo de esforço possível no domínio do material fático. O próprio Marx não descansava enquanto não houvesse consultado todas as fontes informativas de cuja existência tomasse conhecimento. O fim último da investigação consiste em se apropriar em detalhe da matéria investigada, analisar suas diversas formas de desenvolvimento e descobrir seus nexos internos. Somente depois de cumprida tal tarefa, seria possível passar à exposição, isto é, à reprodução ideal da vida da matéria.¹⁶

Para Gorender, a investigação precisa ser objetiva e concreta, acompanhada, evidentemente, das ferramentas teóricas cabíveis. Ela necessita de dados da realidade, de sua constituição e evolução e das leis que regem esses dois movimentos. Já na exposição, a questão lógica deve estar presente. No caso de Marx, a lógica como base para a análise dialética ou, em uma simplificação elegante, a lógica dialética, porque a dialética tem sua própria lógica, só que mais complexa que a lógica formal, justamente por usar o contraditório expresso na tríade *tese; antítese; síntese*, que permanece em movimento contínuo em todo o decorrer da história, com afetações recíprocas, uma vez que uma síntese firmada se transforma em uma nova tese. Gorender fala do método de exposição em Marx, tecendo considerações sobre a **exposição lógica** e a **exposição histórica**.

É que a exposição deve figurar um “todo artístico”. Suas diversas partes precisam se articular de maneira a constituírem uma totalidade orgânica, e não um dispositivo em que os elementos se justapõem como somatório mecânico. Ora, a realização do “todo artístico” ou da “totalidade orgânica” pressupunha a aplicação do **modo lógico** e não do **modo histórico de exposição**. Ou seja, as categorias deveriam comparecer não de acordo com a sucessão efetiva na história real,

¹⁶ GORENDER, J. Apresentação. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 31.



porém conforme as relações internas de suas determinações essenciais, no quadro da sociedade burguesa. Por conseguinte, o tratamento lógico da matéria faz da exposição a forma organizacional apropriada do conhecimento a nível categorial-sistemático e resulta na radical superação do historicismo (entendido o historicismo, na acepção mais ampla, como a compreensão da história por seu fluxo singular, consubstanciado na sucessão única de acontecimentos ou fatos sociais). **A exposição lógica afirma a orientação anti-historicista na substituição da sucessão histórica pela articulação sistemática entre categorias abstratas**, de acordo com suas determinações intrínsecas.¹⁷ (Grifos nossos).

Gorender está tratando de uma questão teórica delicada e adverte que o fato de o método de exposição privilegiar o lógico – até pela necessidade de realizar abstrações para tratar das categorias teóricas em si –, esse lógico não pode fazer desaparecer a história.

[...] se supera o histórico, o lógico não o suprime. Em primeiro lugar, se o lógico é o fio orientador da exposição, o histórico não pode ser dispensado na condição de contraprova. Daí a passagem frequente de níveis elevados de abstração a concretizações fatuais em que a demonstração dos teoremas assume procedimentos historiográficos. Em segundo lugar, porém com ainda maior importância, porque o tratamento histórico se torna imprescindível nos processos de gênese e transição, sem os quais a história será impensável. Em tais processos, o tratamento puramente lógico conduziria aos esquemas arbitrários divorciados da realidade fatural. Por isso mesmo, temas como os da acumulação originária do capital e da formação da moderna indústria fabril foram expostos segundo o modo histórico, inserindo-se em O capital na qualidade de estudos historiográficos de caráter monográfico.¹⁸

Gorender encerra essa parte de sua Apresentação fazendo uma crítica ao estruturalismo de Althusser que, privilegiava a exposição, atribuindo às partes históricas de O Capital o caráter de “mera ilustração empirista”. Segundo Gorender, Althusser dá a exposição marxiana “uma estrutura formal desprendida da história concreta, o que o próprio Marx explicitamente rejeitou.”

Para Gorender, tanto a investigação quanto a exposição são integrantes indispensáveis e inseparáveis, da teoria marxiana (e de qualquer teoria), tendo sempre em conta que:

¹⁷ Ibid. pp. 31-32.

¹⁸ GORENDER, J. Apresentação. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 31-32.



O tratamento lógico é também o que melhor possibilita e, no mais fundamental, o único que possibilita alcançar aquele nível da essência em que se revelam as leis do movimento da realidade objetiva. Porque, n' *O Capital*, a finalidade do autor consistiu em desvendar a lei econômica da sociedade burguesa ou, em diferente formulação, as leis do nascimento, desenvolvimento e morte do modo de produção capitalista.¹⁹

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas Gorender encerra afirmando, com uma referência a Friedrich Lange, que a estrutura de *O Capital* foi organizada em conformidade com um plano “que parte do nível mais alto de abstração, no qual se focalizam fatores isolados ou no menor número possível, daí procedendo por concretização progressiva”, se aproximando, portanto, da história.

Assim, em síntese, o método de Marx habita na Dialética Materialista, onde a pesquisa empírica fundamenta a primeira parte da investigação com o apoio das ferramentas teóricas próprias e a lógica dialética organiza a exposição, onde as abstrações vão se concretizando até que haja coincidência com a história, tudo partindo do princípio de que a realidade é processo, mudança. Em uma palavra: dinâmica pura!

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Advertência aos Leitores do Livro I D' *O Capital*. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 35-52.
- ENGELS, F. **Anti-Dühring**. Edição eletrônica. eBooksBrasil.com, 2001. 528 p.
- FARIAS, F. B. de. **O Estado Capitalista Contemporâneo: para a crítica das visões regulacionistas**. São Paulo: Cortez, 2000. 177p.
- GIANNOTTI, J. A. Considerações sobre o Método. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 53-65.

¹⁹ Ibid. p. 32.

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



GORENDER, J. Apresentação. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 14-34.

MARX, K. Posfácio à segunda edição de O Capital. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 74-79.

MARX, K. (1859). Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política in: MARX, K.; ENGELS, F. **Textos**. Vol. III. São Paulo: Edições Sociais, 1977, pp. 300-303.

PROMOÇÃO



APOIO

